

**“A TEMPESTADE DESENHA-SE NO HORIZONTE”:
O USO NÃO OFICIAL DA IMPRENSA ESTRANGEIRA POR
GETÚLIO VARGAS E OSWALDO ARANHA NA IMINÊNCIA DA
SEGUNDA GUERRA MUNDIAL**

**“Looms on the horizon”: the unofficial use of the foreign press by
Getúlio Vargas and Oswaldo Aranha on the eve of the Second
World War**

**“La tormenta se perfila en el horizonte”: el uso no oficial de la
prensa extranjera por Getúlio Vargas y Oswaldo Aranha en la
inminencia de la Segunda Guerra Mundial**

Filipe Queiroz de Campos¹

Resumo:

Esse artigo busca investigar o estudo de caso da atuação de Oswaldo Aranha como um informante de Getúlio Vargas entre os anos de 1934 e 1938. Durante esse período, Oswaldo Aranha atuava como embaixador do Brasil nos EUA e buscou não apenas construir uma imagem positiva sobre o Brasil naquele país, mas também viveu atritos com o Itamaraty e a Argentina. A solução encontrada para esses atritos passou pelo uso confidencial da imprensa estrangeira como “arma política” em atuação coordenada entre o embaixador e Getúlio Vargas. Essa atuação revela novas dinâmicas do processo de formulação da política externa brasileira, dinâmicas vinculadas ao uso da imprensa pelos interesses políticos e geopolíticos.

Palavras-chave: Getúlio Vargas. Oswaldo Aranha. Imprensa.

Abstract:

This article investigates the case study of Oswaldo Aranha's role as an informant to President Getúlio Vargas between 1934 and 1938. During this period, Aranha served as Brazil's ambassador to the United States and sought not only to build a positive image of Brazil in that country, but also faced tensions with the Itamaraty and with Argentina. The solution to these tensions involved the confidential use of the foreign press as a "political weapon" in coordinated action between the ambassador and Getúlio Vargas. This role reveals new dynamics in the formulation process of Brazilian foreign policy, dynamics closely linked to the use of the press for political and geopolitical interests.

Keywords: Getúlio Vargas. Oswaldo Aranha. Press.

Resumen:

Este artículo investiga el estudio de caso sobre la actuación de Oswaldo Aranha como informante de Getúlio Vargas entre los años 1934 y 1938. Durante ese período, Aranha actuó como embajador de Brasil en Estados Unidos y buscó no solo construir una imagen positiva de Brasil en ese país, sino que también enfrentó tensiones con el Itamaraty y con Argentina. La solución encontrada para esos conflictos pasó por el uso confidencial de la prensa extranjera como "arma política" en una actuación coordinada entre el embajador y Getúlio Vargas. Esta actuación revela nuevas dinámicas en el proceso de formulación de la política exterior brasileña, dinámicas vinculadas al uso de la prensa para fines políticos y geopolíticos.

Palabras clave: Getúlio Vargas. Oswaldo Aranha. Prensa.

Introdução

Como explica Carla Silva (2022), a preocupação com a propaganda esteve presente desde os primórdios do governo Vargas, não sendo uma exclusividade do Estado Novo. O Governo Provisório de 1930 operou inicialmente com órgãos como o Departamento Oficial de Publicidade (DOP), ativo entre 1931 e 1934, e o Departamento de Propaganda e Difusão Cultural (DPDC), estabelecido em 1934. A autora aponta, porém que esses órgãos iniciais eram pouco eficientes e muito dependentes da atuação pessoal de Vargas.

A criação formal do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) em dezembro de 1939, por meio de um decreto-lei, marcou uma mudança significativa na estratégia de comunicação do Estado Novo (VIEIRA, 2019). Sob a direção do jornalista e intelectual Lourival Fontes, que já havia dirigido o Departamento Nacional de Propaganda e permaneceu à frente do DIP até 1942 (PEREIRA, 2014), o novo departamento alcançou uma abrangência muito maior e um poder de penetração na sociedade sem precedentes.

A missão do DIP era dual e interligada: realizar a propaganda política do Estado Novo e exercer a censura sobre as informações. Essa dupla função é crucial para compreender a eficácia da propaganda varguista. Magalhães (2019) destaca a "marcante e constante presença" do DIP em todos os meios de comunicação, atuando tanto no campo da censura quanto no da

propaganda para divulgar as transformações nacionais e a ideologia do Estado Novo. A censura, ao suprimir vozes dissonantes e informações desfavoráveis, criava um ambiente informacional controlado.

Rafael Nascimento Gomes (2017), em “A construção de uma historiografia autoritária pelo Estado Novo de Getúlio Vargas: o caso da revista *Cultura Política* (1941-1945)”, analisa a revista *Cultura Política*, editada pelo DIP, como uma fonte principal para entender os esforços governamentais em uma “releitura da história brasileira” e a construção de uma “historiografia autoritária”. Isso demonstra que a propaganda não se limitava a divulgar feitos presentes ou promessas futuras, mas também buscava redefinir o passado para legitimar o regime atual, construindo um mito fundacional para seu projeto autoritário, o trabalho dialoga diretamente com o esforço de Angela de Castro Gomes, que se tornou a grande referência para o assunto.

A criação do "Mito Vargas" é um dos temas mais estudados na historiografia da propaganda varguista. A historiadora e cientista social Angela de Castro Gomes é uma figura central nesse debate. Em sua obra seminal "A invenção do trabalhismo" (2015), ela propõe uma investigação menos simplista das relações entre a classe trabalhadora brasileira e o Estado na Era Vargas, desmistificando a ideia de que o populismo significava um mero "domínio de massas" ou "manipulação do povo", como projetava a interpretação de Francisco Weffort. Gomes cunhou os termos "pacto trabalhista" e "trabalhismo", definindo essas relações como complexas, com êxitos, derrotas, conciliações e embates, debate que também ao encontro do que defende Jorge Ferreira (2001).

Gomes argumentou que o reconhecimento dado a Vargas foi resultado de uma política bem empreendida pelo Estado Novo, que "mobilizou demandas e discursos construídos por trabalhadores brasileiros" ao mesmo tempo em que apagava essa autoria, vendendo a imagem de Vargas como um "doador". Essa perspectiva mais sofisticada reconhece a agência dos sujeitos históricos e a complexidade da recepção da mensagem propagandística. A propaganda varguista, portanto, não era um monólogo estatal, mas parte de uma interação dinâmica, onde o sucesso dependia da ressonância com as expectativas e necessidades da população.

Alice Jungblut Braun e Geovana Klaus Magalhães, em "Getúlio Vargas: A imagem do mito político" (2021), reforçam a ideia de que Vargas se dedicou a construir sua própria imagem pública, utilizando fontes jornalísticas e propagandísticas em torno da ideia de construção do mito do “pai dos pobres”. Maria Helena Capelato, especialista no Estado Novo, destaca que a propaganda política, "inspirada pelo modelo goebbelsiano", afirmando: “o varguismo não se define como fenômeno fascista, mas é preciso levar em conta a importância da inspiração das experiências alemã e italiana nesse regime, especialmente no que se refere à propaganda política”

(CAPELATO, 1999, p.167). Estudos mais recentes, inclusive, buscam demonstrar o quanto informantes de Vargas no exterior já procuravam investigar a máquina de propaganda fascista e nazista para nelas se inspirar, como é demonstrado por Campos (2023) a respeito da atuação de Luís Simões Lopes.

A vasta produção editorial do DIP é outro ponto de interesse historiográfico. André Barbosa Fraga, em seu artigo "As publicações da Divisão de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o projeto editorial do Estado Novo" (2024), oferece uma contribuição valiosa ao analisar a atuação da Divisão de Divulgação (DD) do DIP como editora de folhetos, livros e periódicos. Sua pesquisa identificou 269 obras, representando 90,6% do volume total de produções desse setor do DIP, evidenciando a vasta e sistemática produção editorial do órgão.

A respeito da propaganda externa do governo Vargas, destaca-se a presença de Oswaldo Aranha. Stanley Hilton (1981) apontou que os esforços de Oswaldo Aranha para alinhar o Brasil aos Estados Unidos, incluindo sua visão positiva da economia americana e a aproximação diplomática foram atípicos. Isso, porque Aranha não se limitou a esforços diplomáticos convencionais; ele concebeu um projeto detalhado para a propaganda brasileira nos Estados Unidos, inspirado, inclusive, no modelo argentino.

A historiografia tem abordado a atuação de Aranha e a propaganda externa com profundidade. Antônio Pedro Tota (2000), em sua obra *O Imperialismo Sedutor: a americanização do Brasil na Época da Segunda Guerra*, é um autor chave nesse campo. Tota analisa as ações da "fábrica de ideologias" criada pelo governo americano para conquistar o apoio brasileiro durante a Segunda Guerra, incluindo o papel do Office of the Coordinator of Inter-American Affairs (OCIAA). Tota argumenta que os EUA utilizaram os meios de comunicação em um projeto deliberado de presença cultural. Sua obra é notável por oferecer uma linha de análise distinta em comparação com os estudos sobre a propaganda interna brasileira.

Lindercy Francisco Tomé de Souza Lins (2015), em sua tese *To sell a product or to sell an idea: a propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945)*, analisa como o governo Vargas estabeleceu uma política de promoção da imagem do Brasil nos Estados Unidos, focando na organização da propaganda externa e na atuação de órgãos como o Itamaraty e o DIP nesse processo. Sua pesquisa explora a propaganda oficial brasileira nos EUA de 1930 a 1945, buscando entender a política de promoção da imagem do Brasil naquele país.

Os estudos a respeito da atuação e usos da máquina de propaganda dentro do Brasil, portanto, são vastos e estão em plena expansão. O que esse artigo, contudo, propõe é um novo ângulo para se refletir sobre o uso da imprensa, propomos a investigação a respeito dos usos da

imprensa internacional para diferentes projetos políticos nos “bastidores da diplomacia”, ou seja, uso “não oficial” da imprensa estrangeira pelo governo Vargas.

Faremos isso ao identificar a atuação informal de Oswaldo Aranha junto a Vargas no uso da imprensa a favor dos seus projetos e crenças. Estudaremos a atuação de Aranha entre 1934, quando se inicia o processo de posse do gaúcho como embaixador nos EUA até 1938, quando dois processos que iremos analisar terminam.

O primeiro processo é sobre a negociação de armamentos navais por parte de Aranha junto aos EUA e como ele se valeu da imprensa de uma maneira particularmente informal para alcançar esse objetivo. O segundo é sobre como Aranha se valeu da imprensa para combater as ações da Argentina em busca de hegemonia geopolítica, bem como ele lidou com as tensões entre sua atuação e a gestão de José de Carlos de Macedo Soares no Itamaraty. Antes de analisarmos esses dois casos, vamos às abordagens metodológicas que inspiram esse artigo.

Como demonstrou Campos (2023), em recente tese de doutorado, é possível identificar uma complexa rede de informações não formais que alimentavam Vargas com diversas perspectivas sobre comércio, geopolítica e tantos outros temas, inclusive, rede que também atuava de maneira silenciosa no uso não oficial da imprensa estrangeira para executar projetos políticos, criar propaganda para o Brasil e para a pessoa de Vargas. No entanto, o que esse artigo se propõe é se debruçar especificamente sobre a atuação de Oswaldo Aranha no uso não oficial da imprensa internacional para projetos políticos, considerando as abordagens metodológicas expostas a seguir.

Abordagens

Como explica Mauro Wolf (1987), a Teoria Hipodérmica, também conhecida como "Bullet Theory" ou "Teoria da Bala", emergiu nas décadas de 1920 e 1930, um período marcado por profundas transformações sociais e pelo uso intensivo da propaganda em contextos de conflitos globais. Essa teoria foi fortemente influenciada pela psicologia behaviorista da época, que postulava uma relação direta e mecânica de "estímulo e resposta" no comportamento humano. Nesse modelo, a mensagem midiática era concebida como uma "bala" que atingia o público de forma direta e pessoal, produzindo efeitos uniformes e poderosos, sem que houvesse mediação significativa por parte do receptor.

Wolf explica que a teoria implicava que, em um mundo no qual os indivíduos passaram a estar mais conectados que nunca, com o rádio, os jornais ou as revistas ilustradas, havia a crença forte e quase determinística de visão do poder da imprensa e do rádio. Não quer dizer que

Oswaldo Aranha, que vamos aqui investigar aqui, conhecia ou acreditava nessa teoria, mas que era comum nas décadas de 1920 e 1930 que se depositasse na propaganda um poder de determinação da realidade. E o que esse ator acreditava muito nos interessa. Por isso, uma teoria da qual lançaremos mão para investigá-lo é a Teoria das Elites.

Wright Mills, em sua obra seminal *The Power Elite* (1956) buscou tratar os valores da elite como uma categoria analítica central. Analisando os Estados Unidos do pós-guerra, Mills identifica uma tríade de elites que dominam o país: os líderes econômicos (corporativos), os militares e os políticos. Diferentemente dos autores clássicos europeus, Mills sustentou que essa elite não é apenas um grupo de indivíduos com acesso ao poder, mas uma comunidade social com valores e visões de mundo compartilhados.

Para Robert Dahl, em *Poliarquia* de 1997, compreender quem são os atores que promovem determinadas crenças políticas constitui uma questão analiticamente relevante. Embora Dahl reconheça a importância dos valores compartilhados por toda a população, ele destaca que os sistemas de valores cultivados por segmentos mais engajados politicamente, aqueles diretamente envolvidos nas práticas e decisões políticas, podem exercer influência decisiva nos processos de formação e manutenção do poder.

O poder da propaganda fascinava Oswaldo Aranha, como demonstrou Lindercy (2015), mas também fascinava os EUA e Vargas. Como ir além da questão do fascínio? Havia estratégias não oficiais de propaganda? Ou seja, Vargas e Aranha fizeram outros usos da propaganda para além daqueles usos oficiais já tão explorados pela historiografia? Rapidamente, vamos fazer um sobrevoo sobre algumas das crenças de Oswaldo Aranha sobre seu tempo, para demonstrar o quanto o que ele acreditava importa para nossa análise.

Defendemos que, para compreender mais profundamente a importância que a propaganda tinha para Vargas e Aranha, é essencial conhecer mais sobre suas crenças políticas aos moldes do que nos inspira pensar a Teoria das Elites. Começamos com a constatação de que, para Vargas e Oswaldo Aranha, o mundo estava prestes a entrar em uma nova guerra mundial, por isso era premente que o presidente lançasse mão da propaganda como ferramenta importante para garantir ao Brasil melhores posições naquela realidade. Ambos compartilhavam da crença de que uma nova guerra mundial era iminente e de que o primeiro grande sinal disso era o fechamento internacional do comércio em grandes blocos autárquicos.

Antes de assumir a embaixada do Brasil em Washington, Oswaldo Aranha foi incumbido de uma missão especial por Getúlio Vargas: investigar o cenário de propaganda e política na Itália. O gaúcho estava assustado com o que entendia ser uma guerra iminente. Escreveu: “estamos na antevéspera de grandes acontecimentos”, emendou: “Prepare a ti e ao Brasil faça enfrentar essa

reviravolta universal (...) as autoridades, o armamentismo, as ditaduras conduzirão o mundo a uma grande convulsão”. Para ele, a Itália não funcionava mais como um país capitalista, porque esgotava todos seus recursos com sua máquina de guerra, sendo um possível conflito internacional seu grande objetivo. Escreveu: “Luis XIV foi café pequeno (...) a Europa está dominada por grandes loucos. A Itália, Getúlio, está militarizada da cabeça aos pés (...) é pobre em matéria prima e faz seu povo trabalhar dia e noite” (ARANHA, 1934a, p. 7-8).

Ainda na Itália, em suas conclusões ao presidente, o futuro embaixador escreveu:

Vou te enviar, Getúlio, as minhas impressões da Europa, através da Itália. A Europa está, meu caro, em estado potencial de guerra. “Os governos estão em um jogo insaciável de combinações secretas. Os governos estão se preparando para o choque e as indústrias bélicas em uma atividade sem precedentes (...) estão como feras arrepiadas em ofensiva”. Os povos presentem o mal tempo. A tempestade desenha-se no horizonte. Não é possível prever o dia em que se vai desencadear. A Europa está sob a ação de dois extremos — a guerra que passou e a que virá (ARANHA, 1934c, p. 6-7).

Sobre a questão da propaganda, as cartas de Aranha a Vargas registravam: “Na Europa, sobre o Brasil, Getúlio, não há nenhuma notícia! A Argentina manda boletins diários de sua vida” (ARANHA, 1934a, 3-4). Continuou: “aqui há muita propaganda: A Itália, esta faz a propaganda de fundo destacando a ação e a figura do Duce” (ARANHA, 1934a, 3-4). Alertou que “quando chegasse o momento trágico”, falando da guerra iminente, o Brasil deveria aproveitar para se mostrar como “refúgio para o trabalho e para o capital”. Então escreveu: “Precisamos iniciar uma campanha mostrando que o Brasil não é como se afirma e crê: a) um país de negros b) um país de doenças c) um país tórrido. As despesas com essa propaganda serão largamente compensadas” (ARANHA, 1934b, 4-5). Dessa forma, a propaganda, para Aranha era a melhor ferramenta que o Brasil poderia usar em um mundo que poderia colapsar a qualquer hora.

A ampliação das trocas comerciais brasileiras era a principal meta da política externa conduzida por Getúlio Vargas, e ele próprio escrevera a Aranha afirmando que a sua prioridade, para garantir esse objetivo, para os EUA (VARGAS, 1934). Nesse contexto, Oswaldo Aranha encaminhou ao presidente suas análises sobre o panorama das relações internacionais, elemento essencial para definir as estratégias que o Brasil deveria adotar visando seus interesses econômicos. Em 1º de julho de 1935, Aranha destacou que, em sua avaliação, o processo de retração do comércio mundial estava apenas em seus primeiros estágios (ARANHA, 1935a).

O embaixador antevia uma desaceleração ainda mais severa nas trocas internacionais, o que, segundo ele, acarretaria episódios de radicalização política e dificuldades internas para diversos países. A crise econômica de 1929, em sua leitura, havia sido apenas o ponto de partida. Aranha

também ressaltava que a inflação não daria sinais de alívio. Pelo contrário, não havia, segundo suas palavras, qualquer perspectiva de retomada do dinamismo no comércio global. Finalizou com uma advertência categórica:

A redução do poder aquisitivo de quase todos os povos, dada a concentração da riqueza em poucos e do estoque de ouro em dois ou três, tornou inatingível esse ideal, salvo uma nova redistribuição das riquezas entre as nações, coisa impossível. Sem crédito, com ouro concentrado, com superprodução, com problemas internos e ameaças exteriores, os povos procuram satisfazer suas próprias necessidades, isolando-se ou sendo isolados (ARANHA, 1935a, p. 4).

Oswaldo Aranha explicava a Vargas sobre o quanto julgava que o mundo estava entrando em uma nova fase:

As nações europeias começaram a procurar nas suas colônias a solução dos seus problemas, criando uma segunda "Santa Aliança" econômica, mais ameaçadoras que foi a "política" para a nossa independência. A Inglaterra criou uma autarquia colonial com terras em todos os climas e com 500 milhões de súditos. A Itália, dando prova mais evidente dessa nova orientação, quer procurar na Abissínia o algodão, madeira, café e minério (ARANHA, 1935a, p. 4-5).

Em 1935, Getúlio Vargas respondeu a Aranha, dizendo concordar com as previsões do amigo e, então, embaixador empossado nos EUA, dizendo que precisavam convencer os EUA de que havia:

certeza de que o Brasil não lhe faltará apoio em momento oportuno. As nossas relações com os Estados Unidos precisam ser encaradas como assunto sério. Elas não podem continuar sendo tratadas por velhos diplomatas, apurados na arte dos "flirts" e salamaleques, mas ignorantes da vida e das necessidades do país. A fim de que tal estado de coisas não continuasse é que foste designado para aí (VARGAS, 1935a, p. 5-6).

No dia 8 de janeiro de 1935, Aranha voltou a abordar a necessidade de estreitar os laços entre o Brasil e os Estados Unidos, enxergando essa aproximação como um meio de conter o avanço da influência geopolítica argentina. Em sua análise, os norte-americanos mantinham reservas quanto à lealdade do Brasil em caso de um conflito internacional, sobretudo devido à ausência de iniciativas que indicassem uma maior sintonia em questões militares. Aranha relatou que, segundo Summer Welles, diplomata do Departamento de Estado especializado em assuntos da América Latina, havia uma crescente preocupação nos EUA quanto ao aparente desinteresse brasileiro pela representação diplomática em Washington, especialmente durante o período em que Domício da Gama ocupava o posto de embaixador (ARANHA, 1935g).

Em uma nova correspondência enviada a Vargas em 1935, Aranha apontou que o principal entrave geopolítico às relações entre o Brasil e os Estados Unidos era representado pela Argentina. Segundo ele, a projeção hegemônica argentina na América do Sul havia sido, até então, contida pelo “poder de veto dos EUA”. No entanto, diante do contexto das crises internacionais e da crescente necessidade de os Estados Unidos reforçarem seus vínculos com a América Latina, esse mecanismo de contenção à hegemonia argentina estaria prestes a perder força. Por isso, Aranha insistia com Vargas na urgência de uma atuação estratégica nos “bastidores” (Aranha 1935b, 10), a fim de reverter o cenário. A grande questão, para ele, era como o Brasil poderia superar o prestígio que a Argentina havia conquistado junto aos norte-americanos.

Em resumo, havia algumas linhas de entendimento entre Vargas e Oswaldo Aranha: o comércio mundial estava se fechando, as grandes potências estavam se encapsulando, buscando suas colônias, o imperialismo era uma ameaça próxima, a proeminência da geopolítica argentina em sua aproximação inédita com os EUA minava a velha estratégia brasileira de contra hegemonia na América do Sul pela sua parceria com os estadunidenses. Assim, para ambos, a crença de que a propaganda era um instrumento geopolítico e econômico estava entrelaçada a essas preocupações.

É de posse desse entendimento que defendemos que o esforço de propaganda externa conduzido pelo governo Vargas deve ser também compreendido. Não se exclui, aqui, o esforço de propaganda externa para se consolidar o regime, para se divulgar a imagem de um Brasil pacífico ou de convencimento de outros países de que o Brasil era confiável e neutro, mas enfatizamos a perspectiva dessa “diplomacia dos bastidores”, aquilo que não era dito pelos meios oficiais do governo.

Andrew Buchanan e Ruth Lawlor (2025) chamam a atenção de que as crises que antecederam a Segunda Guerra Mundial já devem ser entendidas como parte do próprio processo da guerra, o clima de “guerra total” teve diferentes dimensões na América Latina. Esse trabalho vai ao encontro dessa abordagem, que busca novas interpretações sobre como o contexto latino-americano teve sua própria maneira de gestar o contexto da Guerra. Defendemos que uma dessas maneiras foi o uso da imprensa oficial, mas o quanto o uso não oficial da imprensa pode lançar novas luzes a essa realidade.

Para isso, contaremos com a análise dos resultados em pesquisa feita nos arquivos pessoais de Oswaldo Aranha, disponíveis fisicamente nos arquivos do CPDOC, bem como nos arquivos pessoais de Getúlio Vargas, disponíveis digitalmente no mesmo arquivo. A escolha dessas fontes justifica-se por permitirem novos olhares sobre o uso não oficial da imprensa, visto que pesquisas no Itamaraty, por exemplo, dispõem de fontes mais conectadas aos usos oficiais da imprensa.

Oswaldo Aranha e o uso “não oficial” da imprensa

Ainda no contexto da missão financeira Souza Costa, para refinar a dívida brasileira, em 1935, Aranha combinou junto a Vargas que usaria de seus contatos na imprensa dos EUA para fazer publicar matérias sobre a confiança que o Brasil inspirava no mercado. Escreveu ao presidente:

O Washington Post, jornal de propriedade de um dos antigos diretores da Federal Reserve Board, irmão da senhora do embaixador Dantas, com quem mantenho boa ligação, traz um artigo em nosso favor, no sentido de que é chegada a hora de o Departamento de Estado provar sua boa vontade com o Brasil (VARGAS, 1935b, p. 20).

Passada a missão financeira, os EUA concordaram com o pagamento gradual das dívidas atrasadas do Brasil, e, ao mesmo tempo, buscava firmar um acordo com a Inglaterra. Aranha diz a Vargas sobre o quanto a propaganda sobre o Brasil no exterior não estava sendo suficiente e, por isso ele articulou por conta própria, ou seja, sem acordar com o Itamaraty, que iria enviar um contato especial a Vargas, que nomeou apenas de “senhor Garcia”, segundo ele, um chefe no *New York Times*. Disse a Vargas que também estava combinando com Rosalina Coelho Lisboa uma atuação coordenada na Agência de Imprensa Internacional United Press.

Rosalina Coelho Lisbôa de Larragoiti (1900-1975) foi uma escritora, jornalista, ativista política e poetisa brasileira. Durante as décadas de 1930 e 1940, ela teve uma participação ativa na vida pública e política do Brasil. Ela colaborou com diversos jornais e revistas renomados, como "O Globo", "O Jornal do Brasil", "Correio da Manhã", "A Nação", "Caretta" e "Fon-Fon". Além disso, ela atuou como diretora do jornal Diários Associados, sendo responsável pelas edições de Lisboa, Madri e Paris.

Ela foi casada três vezes: com o comandante Van Rademaker, com quem teve uma filha e ficou viúva ainda jovem, aos 19 anos. Em segundo casamento, uniu-se a James Irvin Miller, que era vice-presidente e gerente-geral da *United Press* na América do Sul da década de 1940, ela casou-se pela terceira vez com o empresário Antônio Sanchez de Larragoiti, diretor da seguradora Sul América (SCHUMACHER, 2000, p. 922). Para driblar órgãos oficiais do governo, atuando de maneira mais silenciosa, Aranha se valeu dos préstimos da habilidosa Rosalina Lisboa.

Indignado, Aranha escreveu a Vargas que o próprio EUA, que pouco precisava propagar seu sucesso, “cultivava os jornalistas” contrastava com o Brasil, que muito precisava deles e os maltratava ou ignorava. Disse que a Alemanha e a Itália e França “gastam confessadamente

alguns milhões anuais em propaganda e notícias internacionais”, disse “é uso dos embaixadores terem dois ou mais jornalistas a serviço da embaixada” (ARANHA, 1935c, p.5).

Disse que eram os “*press agentes*” (agentes de imprensa) tinham “o fim de fazerem publicar e tecerem comentários nos jornais americanos sobre coisas de seus países sem que os próprios jornais conheçam a origem desses artigos” ou seja, autores não oficialmente ligados às embaixadas. Disse então, sobre o destaque a Argentina tinha nesses serviços e que “o nosso Brasil está entregue ao azar” (ARANHA, 1935c, p.3). Disse que as notícias por lá sobre o Brasil eram “deploráveis” e isso era fruto do descaso brasileiro com as agências estrangeiras, enfatizou: “uma notícia do Times aqui é capaz de efeitos incríveis” (ARANHA, 1935c, p.5).

Queixou que recebia diariamente muitas cartas pedindo livros e materiais de divulgação sobre o Brasil e não tinha nada a enviar. “Não é possível uma embaixada ficar sem um só livro, panfleto ou publicação para enviar aos solicitantes!” (ARANHA, 1935c, p.5). A situação era grave a ponto de Aranha afirmar: “Tenho comprado do meu bolso um livro ultimamente publicado por um alemão sobre “Economia do Brasil”, muito favorável a nós e o tenho enviado aos pedintes. Disse que já tinha comprado 23 livros, mas que não conseguia atente às demandas. Aranha recomendou então: “Dá, Getúlio, um cunho sério e ativo à propaganda do Brasil no exterior, porque estamos atravessando um período de abandono enquanto os demais povos, mais que nunca, estão cogitando de se defender e de se fazer conhecidos (ARANHA, 1935c, p.5).

Convencido de que o Itamaraty não estava fazendo o bastante para contrabalancear a política argentina nos EUA, Aranha iniciou uma investigação própria sobre as origens de uma campanha que buscava construir a imagem de um Brasil avesso aos interesses estadunidenses na imprensa e, no dia 13 de maio de 1935, reportou a Vargas dizendo que descobriu uma ligação forte entre o *New York Times* e os órgãos de propaganda da Argentina, tratava-se do jornalista John White, quem construiu a imagem de era a Argentina o “verdadeiro representante da América do Sul” e quem, junto aos EUA, tinham reais condições de por fim à Guerra do Chaco, entre Paraguai e Bolívia que se estendia trazendo instabilidade para a região (ARANHA, 1935d).

Uma das mais fortes recomendações de Vargas a Aranha era não deixar nenhuma polêmica de política interna vazar para a imprensa internacional. Vargas conduziria censura e controle da imprensa interna e Aranha cuidaria do que chagava nos EUA. Nem sempre isso deu certo. Em 3 de junho de 1935, Aranha relatou a Vargas que a perseguição ao comunismo e notícias sobre a vida política de Aranha quando estava no Brasil estavam chegando aos EUA com o único objetivo de o prejudicar.

Escreveu a Vargas: “Sobre a origem não pode haver dúvidas: Itamaraty” (ARANHA, 1935e, p.2). Disse que consultou as mais poderosas agências de notícia: United Press, Associated Press e

Havas. Nenhuma delas tinham conhecimento das informações vazadas que foram enviadas por ele em telegrama cifrado no dia 6 à noite e, no dia 8 de as informações já estavam estampadas nos Diários Associados.

Revoltado com a ação do Itamaraty, confessou ao presidente que os diplomatas brasileiros estava insatisfeito com as renovações que ele estava provocando: disse que até então a Embaixada brasileira nos EUA era "estufas de parasitas", afirmou a Vargas: "é uma casta que vive ao longe, sem ação e sem desejo de agir. Não sua culpa. É uma herança da burocracia internacional e da displicência nacional. Foi útil na nossa formação para delimitar as fronteiras, fazer reconhecer a Independência, prestigiar o Império e pouco mais, mas ficaram num vazio, sem ter o que fazer" (ARANHA 1935f, p.4).

Mas as ações secretas da Argentina na imprensa dos EUA não pararam. Oswaldo Aranha reportou a Vargas um questionamento sobre se a censura brasileira anda estava funcionando, porque tinha certeza de que os correspondentes do *New York Times* no Brasil estavam fazendo vazar notícias sobre a política interna brasileira e fazendo chegar aos EUA com o intuito de fortalecer campanha que difamasse Vargas e embaixador (ARANHA, 1936).

Os embates entre Aranha e o ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, também, na opinião do embaixador, ajudavam a fazer com que o Itamaraty facilitasse todo tipo de notícia que pudesse prejudicar sua atuação em Washington. "O nosso chanceler, alimentado e incitado pelos seus maus auxiliares pretende tomar a minha posição, acreditando, erradamente, que com isso poderá crescer" (ARANHA, 1936b, p.12). Ele se referia ao fato de que Soares driblou a autoridade de Aranha e conduziu junto a Roosevelt a compra de 10 cruzadores, navios de guerra, que Vargas tanto almejava e que Aranha buscava concretizar. O embaixador afirmou a Vargas que Macedo mentia sobre os EUA estarem prontos para vender, pois era tudo uma maneira que Soares alcançara para diminuir a autoridade do embaixador (ARANHA, 1936b, p.12).

Tanto contra as ações da Argentina, quanto as de Soares, o embaixador Aranha precisava atuar, ambas teriam a imprensa como palco. Soares fazia vazar na imprensa as críticas à gestão de Aranha, John White conseguia fazer vazar as notícias da política interna e criava impressão de liderança para a Argentina nos EUA. Aranha escreveu a Vargas: "chegou o momento de arrancar as máscaras a esses senhores" (ARANHA, 1936b, p.12).

Aranha, em 07 de janeiro de 1936, conversou com o diretor do *New York Times* e 8 redatores e, depois, com Sulzberger, dono do Times. Disse que a impressão foi muito boa e concordaram em "cooperar em favor da verdade e do Brasil". Respondeu também que ficariam mais atentos às reportagens feitas "pelo Sr. John White" (ARANHA, 1936b, p.12).

Percebe-se, aqui, a conclusão do trabalho de monitoramento da imprensa feito por Rosalina Lisboa em atuação conjunta a Vargas e a Aranha. Segundo Aranha, Rosalina Lisboa escreveu críticas aos artigos de White publicadas no *Times*, o que foi essencial para criar desprestígio ao jornalista que agia a favor da Argentina. O contato que já havia citado o “jornalista Garcia” continuaria a publicar favoravelmente ao Brasil (ARANHA, 1937a).

Além disso, em 03 de maio de 1937, conseguiu entrar em consenso com a imprensa, que reclamava da censura no Brasil. Disse que o jornal *Tim* e *Sun* reclamavam de não poder publicar uma só palavra sobre o Brasil sem censura. Aranha contra-argumentou que o problema não era a censura, mas a má orientação do Itamaraty e que, partir dali, tomaria as redes do processo de notícias que poderiam ser publicadas. Dois dias depois, voltou a escrever a Vargas em tom de vitória, pois, com a saída de José Carlos de Macedo Soares do Itamaraty, conseguira acordar com o ministro interino, Pimentel Brandão, sobre as diretrizes de publicação no exterior (ARANHA, 1937a). Parecia que, finalmente, havia acertado os ponteiros com o Itamaraty.

O próprio Pimentel Brandão narrou a Vargas, porém que descobriu que *press agentes*, que haviam oferecido a ele serviços de propaganda na imprensa americana, Drew Pierson e Leo Pierson, estavam, na verdade, à serviço de um argentino chamado Felipe Espil. Eles estavam publicando contra o Brasil na imprensa americana para difamar o possível acordo do trigo entre Brasil e EUA (BRANDÃO, 1938). Assim, podemos concluir que mesmo após as investidas de Aranha, as abordagens da Argentina para ganhar terreno geopolítico por meio da imprensa continuaram, apesar de muito mais limitadas após as ações de Aranha junto a Vargas.

O caso da compra de armamento naval também se solucionou, por meio da imprensa: Pimentel Brandão descobriu que o Ministro das Relações Exteriores da Argentina, que havia registrado ao Itamaraty que não ofereceria nenhuma resistência à compra de armamento naval, o arrendamento de 6 *destroyers*, por parte do Brasil, estava, na verdade, fazendo exatamente o contrário. O ministro era Saavedra Lamas, que enviou seu protesto aos EUA pelo arrendamento brasileiro. Washington se viu forçado a suspender a negociação imediatamente (ARANHA, 1938b, p.19-28), sob risco de o caso sair na imprensa e gerar polêmicas.

Oswaldo Aranha, Summer Welles, secretário dos EUA para a América Latina, porém, combinaram a publicação de notas na imprensa, principalmente no *New York Times*, sobre a positiva parceria entre Brasil e EUA no processo de arrendamento. A repercussão na imprensa foi grande e fortaleceu os pedidos do Brasil de reabertura do arrendamento, o que de fato aconteceu. Segundo Aranha, essa ação confidencial de uso da imprensa entre o governo brasileiro e membros do governo dos EUA foi fundamental para desbaratar as reclamações da Argentina (ARANHA, 1938b, p.35).

Reflexões finais

Várias das conclusões foram sendo fechadas ao longo do texto e as retomamos aqui para fins didáticos e para maior aprofundamento. É possível concluir que uso não oficial da imprensa nos “bastidores da diplomacia” possui um potencial de pesquisa ainda pouco explorado. O artigo buscou apenas fazer um “estudo de caso”, para que se exemplifique o quanto o uso da imprensa estrangeira se fazia essencial para diversos casos.

A solução da compra de armas pelo Brasil passou pelo uso estratégico da imprensa, a solução de tensões entre Macedo Soares e Aranha também, são dois casos que julgamos importantes para a análise, pois foram relativamente solucionados, por meio de estratégias “silenciosas”. Vargas, Aranha e, eventualmente, Rosalina Lisboa, articulavam ações que, a princípio, podem parecer pontuais, casos isolados, mas, exatamente por causa dessa possível aparência, chamamos tanto a atenção para a necessidade de uma abordagem que valorize no que esses atores acreditavam.

Como salientamos, Buchanan e Lawlor (2025) buscam novas maneiras de se interpretar o contexto que antecedeu o conflito bélico da Segunda Guerra Mundial. Eles argumentam: “we realized that while Latin America is largely or entirely neglected in almost all the general histories of the Second World War, it is impossible to understand the global history of World War II without making events in this part of the Western Hemisphere central to the story” (BUCHANAN; LAWLOR, 2025, p.25). Além disso, os autores propõem que a disputa comercial em um mundo progressivamente mais protecionista, na década de 1930, é uma dimensão relevante para já se compreender os sinais de um mundo que reconfigurava.

Juntando essas duas reflexões acima, concluímos o quanto as crenças e ações de Aranha e Vargas nos casos aqui analisados contribuem com essas perspectivas: a iminência de uma nova guerra mundial estava sempre no horizonte de Vargas e Aranha, mas exatamente por isso as certezas de ambos de que o mundo estava se fechando em autarquias, blocos comerciais fechados, e de que a Argentina estava alcançando sucesso muito maior que o Brasil eram tão centrais. A iniciativas de ambos na imprensa não podem ser mais profundamente compreendidas sem considerar essa percepção de mundo que compartilhavam.

Ao se avaliar o desenvolvimento das estratégias de Vargas e Aranha, outras questões acabaram aparecendo: Aranha tinha importante embate com o Itamaraty, tinha uma visão muito crítica da atuação da embaixada brasileira em Washington e a desconfiança pessoal sobre a eficiência dos diplomatas de até então. Seu protagonismo como embaixador foi atípico, porque

contou com a relação muito próxima que tinha junto a Getúlio Vargas, seus projetos políticos não necessariamente eram isentos de projetos de poder, a aproximação entre Brasil e EUA que Aranha buscava passava por uma visão crítica de mundo e desejos geopolíticos.

Para Ricardo Seitenfus, “O Brasil não teve uma política externa independente e autônoma durante o período 1930-1942. O grande, mas fraco Brasil não pode permitir-se altear a voz e tem de forçosamente buscar a composição. Portanto, ele sofre sua política externa, na medida em que não a faz.” (SEITENFUS, 1985, p.430). Contudo, a proatividade de Vargas e Aranha no uso não oficial da imprensa estrangeira demonstra protagonismo e brechas de atuação muito relevantes, como o caso negociação de armamento naval ao Brasil. Investigar os “bastidores” da diplomacia ajuda a revisitar essa concepção de uma “diplomacia da fraqueza”.

Amado Luiz Cervo e Clodoaldo Bueno, em *História da Política Exterior Brasileira* (2002), sustentam que Aranha “pôde conduzir os negócios exteriores com mais liberdade do que poderia se supor”, atribuindo-lhe significativa autonomia na condução da diplomacia (CERVO; BUENO, 2002, p.246). De modo similar, Fernando de Mello Barreto, em *Os Sucessores do Barão (1912-1964)* (2001), afirma que Aranha “exerceu relevante e decisiva influência sobre Vargas nas decisões tomadas pelo Brasil”, apontando o chanceler como ator central nas deliberações governamentais (BARRETO, 2001, p.111).

Analisando as ações coordenadas entre ambos para 1934 e 1938, é importante identificar que as conclusões desses autores não se aplicam para o período. Embaixador e presidente agiam juntos e, inclusive, agiam para circundar a autoridade do próprio Itamaraty. Nossa conclusão distancia Aranha da figura de um isento “americanófilo”, aquele buscava a amizade dos EUA por acreditar mais no liberalismo e na democracia que Vargas, bem como distancia o embaixador de um legítimo “herdeiro do Barão de Rio Branco”, que teria feito as “tradições do Itamaraty” prevalecessem.

Essa conclusão não nega a aproximação de Aranha para com os EUA, nem mesmo nega que vários conceitos e valores do Itamaraty foram defendidos pelo embaixador e futuro Ministro das Relações Exteriores, mas distancia a sua figura de um ator que tenha feito isso sem projetos de governo, como se ele também não fosse um ator político. Aranha tinha uma visão geopolítica desconfiada e assustada com o mundo em que vivia, sua aproximação dos EUA e a defesa das tradições de política externa do Brasil passavam por projetos geopolíticos de poder, e não por uma atitude técnica e desinteressada.

Ao avaliar o que registramos aqui, nota-se que o antagonismo “política de Estado” e “política de governo” perde poderes explicativos diante da fronteira porosa entre o que é político e o que é diplomático.

Por fim, vale dizer que há muitos outros casos dos usos não oficiais da imprensa por líderes e membros do governo, mas, certamente, não apenas para o governo Vargas. Destarte, esse artigo também se registra como uma provocação, para que novas pesquisas possam lançar outras luzes sobre os usos não oficiais da imprensa no processo de construção da política externa do Brasil.

Referências:

- BARRETO FILHO, Fernando. **Os sucessores do Barão**: relações exteriores do Brasil, 1912-1964. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- BRAUN, Alice Jungblut; MAGALHÃES, Geovana Klaus. Getúlio Vargas: a imagem do mito político. **Epígrafe**, v. 10, n. 1, p. 218-246, 2021.
- BUCHANAN, Andrew; LAWLOR, Ruth. Latin America, the Good Neighbor, and the Global Second World War. **Antíteses**, v. 17, n. 34, p. 22-50, 2024.
- CAPELATO, Maria Helena. Propaganda política e controle dos meios de comunicação. In: **Repensando o Estado Novo**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1999, p. 167-178.
- CAMPOS, Filipe Queiroz de. **Bastidores da política externa brasileira (1930-1945)**: Getúlio Vargas e seus informantes. 2023. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, 2023.
- CAMPOS, Filipe Queiroz de. Luís Simões Lopes: um informante de Getúlio Vargas na Europa. **Mosaico**, v. 15, n. 23, p. 653-675, 2023.
- CERVO, Amado Luiz; BUENO, Clodoaldo. **História da política exterior do Brasil**. Brasília: UnB, 2002.
- FERREIRA, Jorge Luiz (Org.). **O populismo e sua história**: debate e crítica. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.
- FRAGA, A. B. As publicações da Divisão de Divulgação do Departamento de Imprensa e Propaganda (DIP) e o projeto editorial do Estado Novo. **Acervo**, [S. L.], v. 37, n. 3, p. 1–34, 2024.
- GOMES, Angela M. de Castro. **A invenção do Trabalhismo**. Rio de Janeiro: FGV, 2015.
- HILTON, Stanley E. **Hitler's Secret War in South America, 1939-1945**: German Military Espionage and Allied Counterespionage in Brazil. LSU Press, 1981.
- LINS, Lindericy Francisco Tome de Souza. **To sell a product or to sell an idea**: a propaganda oficial do Brasil nos Estados Unidos da América (1930-1945). 2015. Tese (Doutorado em História) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- PEREIRA, David Vinicius da Silva. **O Estado Novo e o Departamento de Imprensa e Propaganda**: a propaganda política nos anos de 1941 a 1945. 2014. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2014.
- SILVA, Carla Fernanda da. **A construção da “Era Vargas”**: um estudo sobre os aspectos da industrialização na propaganda política de massa do Estado Novo. 2022. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Econômico) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2022.
- SCHUMAHER, Maria Aparecida; BRAZIL, Érico Vital (Ed.). **Dicionário mulheres do Brasil**: de 1500 até a atualidade: com 270 ilustrações. Zahar, 2000.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra**. Companhia das Letras, 2000.

VIEIRA, Ana Paula Leite. **O Departamento de Imprensa e Propaganda e a política editorial do Estado Novo (1937-1945)**. 2019. Tese (Doutorado em História) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

Fontes:

ARANHA, Oswaldo. [Cartas]. Destinatário: Getúlio Vargas. 18–19 fev. 1936b. Crítica a atitude do Ministro das Relações Exteriores, Macedo Soares, e do Embaixador dos Estados Unidos, Hugh Gibson, no caso da aquisição dos cruzadores americanos para renovação da esquadra brasileira. Washington. (GV c 1936.02.18).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 07 set. 1934c. Comenta o clima de preparação de guerra na Europa, o desenvolvimento das indústrias bélicas e o nacionalismo exaltado da Itália. A bordo do “Rex”. (GV c 1934.09.07, Vol. XVI/8).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 1º jul. 1935a. Carta de Oswaldo Aranha a Getúlio Vargas analisando a situação do comércio internacional, a solução encontrada pelas nações europeias por meio da intensificação das trocas com suas colônias, e as implicações dessa “política colonial” para o Brasil. (GV c 1935.07.01).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 09 abr. 1935c. Informa que o governo americano concordou com o pagamento gradual das dívidas atrasadas e que aguarda dados sobre o acordo com a Inglaterra; solicita maior atenção do governo brasileiro para os representantes das agências de imprensa estrangeiras, visando assegurar melhor propaganda do país no exterior; e comenta a posição do Brasil na questão do Chaco. Washington. (GV c 1935.04.09/1).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 13 maio 1935d. Trata da nomeação do adido naval, remanejamento de pessoal diplomático e envio de artigo publicado no *Times* sobre a questão do Chaco. Washington. (GV c 1935.05.13).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 03 jun. 1935e. Informa que a imprensa brasileira publicou fatos graves que podem comprometer sua atuação como embaixador nos Estados Unidos, e que tais informações provavelmente foram fornecidas pelo Itamarati. Washington. (GV c 1935.06.03).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 04 jun. 1935f. Comunica a realização da próxima “Convenção do Café” em Chicago e ressalta a necessidade da participação do Brasil para a defesa de seus interesses. Washington. (GV c 1935.06.04).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 18 jan. 1935g. Trata da gravidade da situação do Chaco e dos entendimentos com os Estados Unidos para a fabricação de armamentos. (GV c 1935.01.18).

ARANHA, Oswaldo. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 03 de maio de 1937a. Crítica à censura brasileira sobre a imprensa americana; caso dos destróiers; descontentamento dos EUA com o comércio Brasil-Alemanha. Anexo: telegrama a Pimentel Brandão. Washington. (GV c 1937.05.03/2).

ARANHA, Oswaldo. [Documentos]. Destinatário: Getúlio Vargas. 13 a 00 de agosto de 1937b. Documentação sobre o adiamento da autorização do Governo americano relativa ao arrendamento do

Brasil, com objeção do Governo argentino. Inclui nota de Saavedra Lamas, publicações de notas oficiais e manifestação do Governo chileno. Rio de Janeiro, Washington. (GV c 1937.08.13).

ARANHA, Oswaldo. [Telegrama]. Destinatário: Getúlio Vargas. 10 fev. 1936a. Solicita informações para tomar providências contra o *New York Times*, cujo correspondente em Buenos Aires tem criticado duramente o Governo do Brasil e de outros países da América do Sul. Washington. (GV c 1936.02.10/2).

ARANHA, Oswaldo. 1935b. *Carta a Getúlio Vargas*. Washington, 6 de março. Defende uma maior aproximação econômica, política e militar entre o Brasil e os Estados Unidos diante da conjuntura internacional. CPDOC/FGV, Fundo Getúlio Vargas, Vol. XVII/52, GV c 1935.03.06/1.

ARANHA, Oswaldo. *Carta a Getúlio Vargas*, 1º de setembro de 1934b, a bordo do *Augustus*, acervo CPDOC, GV c 1934.09.01/1, Vol. XVI/1.

ARANHA, Oswaldo. *Carta a Getúlio Vargas*. A bordo do *Rex*, 5 de setembro de 1934a. Acervo CPDOC. GV c 1934.09.05, Vol. XVI/7.

BRANDÃO, Mário de Pimentel. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 06 de dezembro de 1938. Relato sobre a animosidade criada pelo jornalista Drew Pearson. Washington. (GV c 1938.12.06).

GETÚLIO VARGAS. [Correspondência]. Destinatário: Getúlio Vargas. 09 jan. – 07 mar. 1935. Correspondência sobre a “Missão financeira Sousa Costa” aos Estados Unidos e à Europa, com foco na renegociação da dívida externa brasileira. Inclui: posição de Oswaldo Aranha contrária à ida de Sousa Costa aos EUA; encaminhamento das negociações com o comércio americano; sugestões de decreto sobre liberdade cambial; medidas do Banco do Brasil; aprovação pelo Conselho Federal do Comércio Exterior; renegociação das dívidas na Inglaterra; empréstimo Rothschild; resistências britânicas; posição contrária de Vargas e minuta do Acordo com a Inglaterra. Rio de Janeiro, Washington. (GV c 1935.01.09).

VARGAS, Getúlio. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 4 fev. – 1º abr. 1935. Cartas de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha tratando do tratado comercial com os Estados Unidos; da posição do Brasil no mercado de câmbios; da nomeação de um adido naval; da viagem de uma comissão militar aos Estados Unidos; e de assuntos de ordem pessoal e familiar. (LV c 1935.02.04).

VARGAS. [Correspondência]. Destinatário: Oswaldo Aranha. 16 out. 1934. Carta de Getúlio Vargas a Oswaldo Aranha. (OA340302).

Notas:

¹ Doutor em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Professor substituto na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Atualmente faz estágio pós-doutoral na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). E-mail: filipecq@hotmail.com / Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-8820-9957>